

A gente portuguesa

Celso Maria de Mello Pupo

Seria muito interessante e muito justo, se o Clube dos 21 Irmãos Amigos, incluísse, entre os amigos, mais sete para que representassem as províncias dos nossos irmãos portugueses. Muito prazerosamente haveria representação do Minho, de Traz os Montes, do Douro, da Beira, da Estremadura, do Alentejo ou do Algarve. E mui prazerosamente, assim, encontrar-se-iam as duas nações de língua portuguesa, duas nações irmãs, duas nações que se completam e que cada vez mais se devem aproximar.

Desde os primeiros anos do quinhentismo, vieram os portugueses em busca da nova terra de Santa Cruz; ousados, resolutos, intempestivos; idealistas uns, ambiciosos outros; espontâneos estes, oprimidos aqueles; todos, porém, parcelas de um povo engrandecido com as próprias realizações de navegadores e descobridores, dos primeiros do mundo em seu tempo.

Contamos, nós paulistas, com avós portugueses desde o quinhentismo, e graças aos genealogistas Pedro Taques e Silva Leme que permitiram-nos conhecer nossa formação a partir dos primeiros povoadores de nossa terra, temos para nós esta singularidade de raro alcance à pouquíssimas regiões do mundo.

Ao rememorar antepassados por paulistas de velha cepa, surgem troncos de vasta ramagem: um ouvidor Antônio Bicudo Carneiro; um tabelião Antônio R. Rodrigues de Alvarenga; Domingos Luiz, vindo de Santa Maria da Carvoeira; Braz Teves e a madeirense Leonor Leme; Fernando Dias Paes e João do Prado, o alentejano; Garcia Rodrigues, portuense; João Maciel, vindo de Viana; os Gagos,

os Pires, os Proenças, os Moraes de Antas, e mais uma leva de açorianos como os Mellos, os Velhos, Regos, Pachecos, Botelhos, Arrudas e tantos mais para completar uma cadeia iniciada por João Ramalho, de Bouzela.

Com tanto sangue português, a história de Portugal é também nossa; nascemos um pouco na corte de Guimarães, fundando Portugal, pelejando nas correrias aos mouros, dilatando fronteiras e firmando suserania; desde Ourique, nas lidas e fregas, fomos às conquistas, participando de um crescer e firmar, marcando o chão de uma pátria que se engrandecia retomando, palmo a palmo, um solo cristão democrático dominado pelo infil. Depois, Aljubarrota para, como um parente próximo, podermos ter aposentadoria em "uma corte da Renascença, cheia de ideias novas e de uma cultura eminente", onde se vivia "a ciência", a tentação irresistível que arrastava os homens para a natureza; que os fazia extenuarem-se a desvendar a virgindade dos mares, a interrogar a muidez das neutes, na ânsia de saber, de dominar, do conhecer o mundo inteiro e seus segredos", ao dizer de Oliveira Martins.

"Sagres ponta de rocha descarnada e abrupta onde germinou o fecundo pensamento que nos séculos quinze e dezesseis fez grande Portugal"; empreste-nos suas palavras o mavioso poeta que na louçania de suas letras encanta o mundo da doce língua portuguesa que se espalhou desde então, comandando em Ceuta, singrando para Porto Seguro, Madeira, Açores; possuindo a Boa Esperança com Bartolomeu Dias, o fabuloso caminho de Vasco da Gama, e a Terra de Santa Cruz, primorosa e pujante, ridente e florida,

onde nasceu um Brasil que se agiganta.

Vem da Europa alguém de nossa intimidade; visitou países vários, cidades enormes, monumentos, palácios, museus, obras de arte; extasiou-se com magníficas vistas panorâmicas, belezas incomparáveis, para retornar ao Brasil na plenitude de um encantamento, de um entusiasmo pela excursão reveladora das maravilhas que se cambiam, dos trigais que lourejam as terras dos francos, da ordem e beleza das cidades e campos da Alemanha, da Suíça, Austria, percorrendo a encantadora natureza do Tirol para chegar à pérola do Adriático que é Veneza.

Flores e música, deslumbramento e romance, jovialidade e simpatia, vão de Veneza à Cápri, passando por Florença, Pádua, Roma, Nápoles, Pompeia, depois, Gênova, o sul da França, Barcelona e Madri, para ver dos mais belos castelos da terra de Santo Inácio. Mas de Portugal, além de todas as maravilhas, fala-se do seu povo: "o povo português é um amor".

Os brasileiros visitam a Europa; Portugal também tem seus castelos e palácios, cheios de obras de valor, mobiliados, com suas pratarias, suas decorações, trabalhos de artistas, arquitetura artes plásticas, seus vinhais e panoramas; mas acima de tudo, a carinhosa gente portuguesa, a simpatia jovial e fraterna que enflora a recepção lusa para os brasileiros. E' unânime o reconhecimento dos nossos patrícios às atenções dos irmãos europeus; Portugal não é para nós a estrangeira; é a nossa casa, é a nossa gente, é um coração que sabe querer bem, que sabe amar os brasileiros. E... "como sabe amar a gente portuguesa"!

Correio Poppel - 27-VIII - 1964